

UM MOVIMENTO SOCIAL CRISTÃO SOB AUSCULTAÇÃO BAKHTINIANA: UMA ANÁLISE DAS RELAÇÕES DIALÓGICAS PRESENTES NA CARTA DE PRINCÍPIOS DA REDE EVANGÉLICA NACIONAL DE AÇÃO SOCIAL (RENAS)

Francisco Geilson Rocha da Silva¹
Waldenia Marcia da Silva Barbosa²

RESUMO: Este artigo tem como objetivo uma maior compreensão do movimento social cristão representado pela Rede Evangélica Nacional de Ação Social (RENAS). Com fito em compreender as vozes com as quais o movimento dialoga, nos ocupamos em analisar as relações dialógicas no discurso de justificativa da rede, descrito em sua carta de princípios. Para isso, propomos como método a Análise Dialógica de Discurso (ADD), metodologia que parte das ideias do Círculo de Bakhtin, em sua proposta de filosofia dialógica e de translinguística. Em nossa análise, lançamos mão, especificamente, dos conceitos de interação verbal, enunciado concreto e dialogismo, desenvolvidos pelo Círculo. Abordamos também no texto a temática dos movimentos sociais, conceituando-os e apontando sua importância para o desenvolvimento social e conquista de direitos na atualidade, além de apresentarmos um levantamento do contexto social e religioso no qual o movimento RENAS está inserido.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso; Movimentos sociais; Dialogismo; Relações dialógicas.

ABSTRACT: This article aims at a better understanding of the Christian social movement represented by the National Evangelical Social Action Network (RENAS). With the purpose of understanding the voices with which the movement dialogues, we are concerned with analyzing the dialogical relations in the network justification discourse, described in its letter of principles. For this, we propose as a method the Dialogic Discourse Analysis (ADD), a methodology that starts from the ideas of the Bakhtin Circle, in its proposal of dialogic philosophy and translinguistic. In our analysis, we specifically used the concepts of verbal interaction, concrete utterance and dialogism developed by the Circle. We also approach in the text the theme of social movements, conceptualizing them and pointing out their importance for social development and the conquest of rights today, besides presenting a survey of the social and religious context in which the RENAS movement is inserted.

KEYWORDS: Speech; Social movements; Dialogism; Dialogical relations.

Introdução

A atuação dos movimentos sociais tem ganhado relevância e notoriedade na construção da sociedade contemporânea. Entendidos como organizações coletivas de caráter sociopolítico e

¹Mestre em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará – Centro de Humanidades (UECE – CH), geilson-rocha@hotmail.com

² Mestre em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará – Centro de Humanidades (UECE – CH), waldenia.comunicacao@gmail.com

cultural, esses movimentos são formados por grupos sociais com o intuito de reivindicar direitos e melhorias na qualidade de vida de pessoas pertencentes a diferentes setores da sociedade.

A existência dos movimentos sociais se confunde com a própria história da sociedade. Para Gohn (2011, p. 336), eles sempre existiram e sempre existirão. A pesquisadora afirma que os movimentos sociais representam forças sociais organizadas que aglutinam as pessoas como campo de atividades e experimentação social, gerando criatividade e inovações socioculturais. Dessa forma, são os movimentos, ao longo da história, importantes motrizes de resistência à opressão e de transformação social. Podemos observar, no entanto, uma emergência mais notória desse tipo de movimento a partir da influência do ideário iluminista entre os anos 1650 e 1700. O iluminismo colocou o homem no centro das transformações e impulsionou a luta por direitos, que é o cerne dos movimentos sociais. Como produto direto deste período, tivemos a revolução Francesa e a Revolução Industrial inglesa que renderam ao século XVIII o título de século das revoluções (FERREIRA, 2011).

O século XX e as primeiras décadas do século XXI têm se mostrado como terreno fecundo para o crescimento dos movimentos sociais na medida em que as pessoas se percebem cada vez mais como sujeitos de direitos e agentes de sua cidadania num contexto comunicativo, proporcionado especialmente pelo advento da internet, que facilita a disseminação de ideias e o trabalho colaborativo. Um exemplo do crescimento desse tipo de movimento desde o fim do século passado é apontado por Gohn (2011), quando afirma ser inegável o fato de que os movimentos sociais dos anos 1970/1980, no Brasil, que se organizaram principalmente em oposição ao regime militar, “contribuíram decisivamente, via demandas e pressões organizadas, para a conquista de vários direitos sociais, que foram inscritos em leis na nova Constituição Federal de 1988” (GOHN, 2011, p. 10).

Movidos pela conscientização de sua própria existência ou reagindo a situações adversas, afirma Gohn (2011), os movimentos sociais tematizam e redefinem a esfera pública, realizam parcerias com outras entidades da sociedade civil e política, têm grande poder de controle social e constroem modelos de inovações sociais. Dentre as características desse tipo de movimento, estão

a identidade bem definida, a existência de um opositor e a articulação de um projeto de vida e sociedade (GOHN, 2011).

Para a autora, os movimentos sociais realizam diagnósticos sobre a realidade social, constroem propostas e atuam em rede usando estratégias que vão desde a simples denúncia até as mobilizações coletivas com intuito de promover pressão direta e resolver suas demandas (GOHN, 2011).

É no contexto de atuação desses movimentos que encontramos o trabalho de organizações não-governamentais e grupos de associações cooperativistas voltadas para a defesa de interesses coletivos tais como a Rede Evangélica Nacional de Assistência Social (RENAS). Com a proposta de ser uma ampla rede de relacionamentos entre organizações e igrejas evangélicas que atuam na área social no Brasil, a RENAS tem realizado um trabalho de mobilização e conscientização com vistas à defesa dos direitos humanos. Dessa forma, a partir da cooperação, a rede promove um verdadeiro “movimento social evangélico”, não no sentido de defesa de uma bandeira religiosa, mas no sentido de recuperar o que Ruben Dri (*apud* HOUTART, 2007) denominou de “Movimento de Jesus”, expressão que designava o protesto social presente nos primeiros anos do cristianismo³.

Diante disso, o presente artigo visa a conhecer e analisar a carta de princípios da Renas de forma a entender melhor a atuação deste movimento dentro do contexto social brasileiro. Nosso objetivo é analisar, dentro da perspectiva dialógica do Círculo de Bakhtin, as justificativas da existência da RENAS, descritas pelo movimento em sua carta de princípios, veiculada no site oficial da organização.

Para tanto, faremos inicialmente levantamento histórico e conceitual buscando apontar o contexto social e religioso no qual o movimento surgiu e se consolidou, bem como suas formas de atuação e objetivos. A seguir, apresentaremos um breve arcabouço teórico do Círculo de Bakhtin, recuperando dentro das ideias do círculo os conceitos de interação verbal, enunciado concreto e

³ Para Houtart (2007), os movimentos sociais são frutos das contradições que se globalizaram. Para existirem no tempo, segundo o autor, os movimentos sociais precisam se institucionalizar, através de uma permanente dialética entre metas e organização (HOUTART, 2007). Para o sociólogo, o cristianismo primitivo seria um exemplo prático dessa dialética, pois nasceu como uma expressão religiosa de protesto social contra o império romano, pelo qual foi reprimido (HOUTART, 2007).

dialogismo. Por fim, analisamos, à luz desses conceitos, o discurso das justificativas da RENAS presente em sua carta de princípios.

O “Movimento de Jesus”: a Rede Evangélica Nacional de Ação Social (RENAS) e a Missão Integral

A Rede Evangélica Nacional de Assistência Social (RENAS) se identifica como sendo uma ampla rede de relacionamentos entre organizações e igrejas evangélicas que atuam na área social no Brasil. O propósito da rede é, de acordo com sua carta de princípios⁴, proporcionar espaços de encorajamento, capacitação, articulação, mobilização, troca de experiências, informações, recursos e tecnologia social com vistas a fomentar valores de justiça, respeito, equidade, bondade e misericórdia por meio da ação social e na defesa dos direitos humanos. Dessa forma, o movimento entende que está cumprindo a missão de ser expressão dos valores do Reino de Deus e da missão de Jesus na sociedade.

A formação da rede acontece no atual contexto de expansão e renovação dos movimentos sociais. Num cenário novo que, de acordo com Gohn (2011), demanda o aparecimento de novos tipos de movimentos, novas demandas, novas identidades, novos repertórios. Esse contexto, segundo a autora, tem como característica, entre outras, a desorganização de antigos movimentos pelas políticas neoliberais, propiciando arranjos para o surgimento de novos atores, organizados em ONGs, associações e organizações do terceiro setor e a ampliação da atuação em redes. É por isso que, para o presente estudo, vemos a RENAS como um movimento social ou, pelo menos, como uma expressão de um movimento social mais amplo representado pelo cristianismo enquanto movimento cultural e religioso, o “Movimento de Jesus”.

No caso da RENAS, no entanto, esse movimento tem contornos específicos porque está ligado exclusivamente às igrejas cristãs evangélicas, e filia-se ao Movimento Lusanne, iniciado em 1974 no Congresso Internacional de Evangelização Mundial realizado na cidade de Lusanne

⁴ Dispomos, em anexo, parte da carta de princípios do RENAS por nós analisada nesse trabalho.

que foi o marco inicial da Teologia da Missão Integral (TMI). Essa visão teológica resgata a necessidade da igreja participar ativamente da construção de uma sociedade mais justa e solidária a partir de uma compreensão mais social dos ensinamentos de Cristo.

Criada em 2004, a RENAS é fruto de um processo de expansão da visão da TMI no Brasil.⁵ Essa teologia tenta, nas palavras de René Padilla, um de seus expoentes e fundadores, “relacionar a revelação do Deus trino com a totalidade da criação e com todo aspecto da vida humana”,⁶ propondo, assim, a proclamação e experimentação do evangelho todo, para o homem todo, para todos os homens. Como explica Grellert (*apud* GONDIM, 2010), a TMI rejeita o verticalismo percebido no fundamentalismo cristão e propõe um horizontalismo holístico entendendo que isso se faz necessário diante da fragmentação do mundo e do homem.

As discussões que levaram à elaboração da TMI estão situadas no contexto de efervescência dos estudos marxistas e da proposta de revolução socialista da primeira metade do século XX. Segundo Padilla⁷, em 1959, havia muita discussão sobre esse tema nas universidades da América Latina em geral, impondo a necessidade de uma resposta evangélica aos problemas da pobreza, da injustiça social e da exploração na América Latina.

A Igreja Católica discutia essas questões em seus movimentos eclesiais de base contribuindo para a emergência da Teologia da Libertação. Do lado da Igreja Evangélica, uma reflexão séria com base nas Escrituras fez-se obrigatória. Durante a década de 1960, houve uma rica discussão sobre a responsabilidade social da igreja em círculos da Comunidade Internacional

⁵Segundo Gondim (2010), muito embora a Missão Integral seja uma teologia de raízes latino-americanas, a difusão de seus princípios no Brasil se deu mais lentamente devido à forte influência da teologia norte-americana no país. Dos Estados Unidos a Igreja Evangélica brasileira importava (e ainda importa) tanto a teologia fundamentalista, que defende uma leitura literal do texto sagrado e rechaça a ciência (especialmente a partir da teoria da evolução de Darwin), como também o *american way of life*, que implica numa atitude passiva e submissa ao jeito americano de ser. A Missão Integral surge exatamente da necessidade latino americana de pensar uma teologia mais contextualizada e o Brasil tem participado dessa construção mais ativamente nos últimos anos.

⁶Entrevista concedida à revista *Ultimato* em agosto de 2014, disponível em:

<<https://guiame.com.br/gospel/missoes-acao-social/rene-padilla-sem-evangelizacao-nao-ha-pratica-da-missao-integral-crista.html>>.

⁷Entrevista concedida à revista *Novos Diálogos* disponível em:

<<http://silviolucsil.blogspot.com.br/2010/10/entrevista-com-rene-padilla-uma-vida.html>>

de Estudantes Evangélicos⁸ e nos movimentos afiliados a esse movimento global inspirada, sobretudo, nas contribuições do peruano Samuel Escobar.

O ponto culminante dessas reflexões se deu em Lousanne, em 1974, quando Samuel Escobar e René Padilla levaram para a plenária do Congresso Internacional de Evangelização Mundial os conceitos de pecado social e salvação integral. As palestras de Padilla e Escobar divergiam em parte das aspirações do próprio congresso ao propor que não há distinção entre proclamação do evangelho e a preocupação com a justiça social, sendo ambas ações interligadas e inseparáveis da missão da igreja cristã (GONDIM, 2010). As reflexões oriundas desse debate ficaram registradas no Pacto de Lousanne, documento oficial do congresso e marco da TMI em todo o mundo. No pacto, ficou registrada a responsabilidade social cristã da seguinte forma:

Afirmamos que Deus é o Criador e o Juiz de todos os homens. Portanto, devemos partilhar o seu interesse pela justiça e pela conciliação em toda a sociedade humana, e pela libertação dos homens de todo tipo de opressão. Porque a humanidade foi feita à imagem de Deus, toda pessoa, sem distinção de raça, religião, cor, cultura, classe social, sexo ou idade possui uma dignidade intrínseca em razão da qual deve ser respeitada e servida, e não explorada. Aqui também nos arrependemos de nossa negligência e de termos algumas vezes considerado a evangelização e a atividade social mutuamente exclusivas. (...) A mensagem da salvação implica também uma mensagem de juízo sobre toda forma de alienação, de opressão e de discriminação, e não devemos ter medo de denunciar o mal e a injustiça onde quer que existam. (STOTT, 2003, p.46)

Com o Pacto de Lousanne, os representantes da Igreja Evangélica reconheceram a omissão social representada pela separação entre evangelização e responsabilidade social. A partir do pacto, o congresso propôs uma orientação à atuação efetiva da igreja e de todos os cristãos nas questões sociais de forma a empreender ativamente a promoção da justiça e da igualdade social.

O Congresso de Lousanne, de 1974, foi precedido pelo Congresso Latino-Americano de Evangelização (CLADE I), em 1969, na cidade de Bogotá. O CLADE I embasou os representantes latino-americanos para as discussões que se efetivariam em Lousanne e se constituiu como

⁸ Comunidade que atua entre as comunidades estudantis de todo o mundo, visando a união, o crescimento e o amadurecimento dos estudantes cristãos. A comunidade existe desde 1947 e foi fundada por garotos/homens e garotas/mulheres de 10 movimentos estudantis cristãos, de 10 diferentes países, os quais, após passada a Segunda Guerra Mundial, resolveram se reunir na Universidade de Harvard, estando atualmente em mais de 150 países.

primeiro espaço amplo de debates onde se configurou o que viria ser compreendido como Missão Integral. Essa efervescência de diálogos na América Latina prosseguiu na esteira do Movimento Lousanne, com a realização dos CLADE's II, III, IV e V (Huampani, Peru, 1979; Quito, Equador, 1992; Quito, Equador, 2000 e San Jose, Costa Rica, 2012). Organizados pela Fraternidade Teológica Latino-Americana, esses congressos foram uma tentativa de não deixar morrer o espírito de Lousanne e fazer prosperar a Missão Integral no continente.

A RENAS é fruto direto do CLADE IV. A carta de princípios do movimento aponta este congresso como marco inicial das ações que gestaram a rede no Brasil. Foi, no entanto, durante o Congresso Brasileiro de Evangelização (CBE), em 2004, que a rede se consolidou de fato. Oitenta igrejas e organizações foram consultadas para elaboração da proposta de formação da rede. Atualmente, a RENAS tem um modelo de gestão que congrega dez organizações de confissão evangélica que atuam na assistência social⁹ e integra dez redes de entidades evangélicas¹⁰ de todo o país preocupadas com o tema.

A partir de sua implantação, a RENAS vem desenvolvendo um trabalho de integração entre projetos existentes e capacitando lideranças evangélicas para a criação e expansão de novos projetos na área da assistência social. De acordo com a carta de princípios da rede, dentre os objetivos específicos do movimento, está o interesse em: articular e mobilizar a rede em torno de ações transformadoras no campo das políticas públicas, independente do grupo ou partido político; e incentivar e fortalecer a criação de redes locais, regionais e temáticas, marcando presença em todos os lugares onde a ação social é necessária. As ações realizadas tem o objetivo maior de cumprir a missão de ser expressão dos valores do Reino de Deus e da missão de Jesus na sociedade

⁹ Organizações que fazem parte do grupo gestor da RENAS: FTSA (Faculdade Teológica Sul-Americana); AEBVB (Associação Educacional e Beneficente Vale da Benção); Instituto Betel Brasileiro; MEPROVI (Ministério Evangélico Pró-Vida); Compassion; Asas de Socorro; MEAP (Missão Evangélica aos Pescadores); Visão Mundial; Médicos de Cristo; CELC (Centro de Estudos Leonina Cunha).

¹⁰ Redes participantes da RENAS: Renas São Paulo; Renas Ceará; Rede CADI Brasil (Centro de Assistência e Desenvolvimento Integral); Rede Mãos Dadas; REVTS (Rede Evangélica do Terceiro Setor de Minas Gerais); Rede Fale; FEPAS (Federação das Entidades e Projetos Sociais da Convenção Batista Independente); Renas Amazonas; Rede Mãos que Ajudam; REPAS (Rede Evangélica Paranaense de Ação Social)

brasileira, fomentando os valores de justiça, respeito, equidade, bondade e misericórdia por meio da ação social e na defesa dos direitos humanos.

Passamos agora e estudar como o discurso constitui também uma forma de ação deste movimento e como esse discurso nos permite compreender as vozes com as quais o movimento dialoga e que lhe dão suporte e materialidade. Para tal empreendimento, usaremos conceitos ligados ao Círculo de Bakhtin.

As relações dialógicas e o primado do enunciado

Ancorar-se nas ideias e conceitos de Bakhtin é atrever-se a desbravar um verdadeiro universo conceitual que impõe ao leitor, além de paciente investigação, uma boa dose de esforço e lucidez para saber relacionar e fazer conversar textos espalhados em várias obras escritas não apenas pelo teórico russo, mas também por outros integrantes do chamado Círculo de Bakhtin, do qual se destacaram, além do autor de *Problemas da Poética de Dostoiévski*, autores como Medvedev e Volochínov.

Tal necessidade ocorre porque os conceitos desenvolvidos por esses pensadores não encontram acabamento final em nenhuma obra específica, mas se acham fragmentados, numa lógica de complementaridade, ao longo dos textos por eles produzidos. Por essa razão, somente a leitura “dialógica”¹¹ desses escritos possibilita uma razoável compreensão “dos posicionamentos essenciais diante da linguagem, da vida e dos sujeitos que aí se instauram e se constituem” (BRAIT [org.], 2013, p. 9), assumidos pelo Círculo.

Dentre as principais contribuições desenvolvidas pelo Círculo estão certamente os conceitos de dialogismo, interação verbal, enunciado concreto, e signo ideológico. Este quarteto conceitual é tido por alguns pesquisadores como pilares fundamentais sobre os quais a concepção de linguagem do Círculo Bakhtiniano se ergue (MOLON; VIANNA, 2012, p. 146).

¹¹No sentido de “fazer conversar”.

Dentro do arcabouço teórico bakhtiniano, os conceitos estão claramente imbricados, de modo que seria falacioso introduzir uma discussão, por exemplo, a respeito de interação verbal sem fazer menção aos conceitos de enunciado concreto, gêneros discursivos, estilo e dialogismo. De modo semelhante, se tornaria, no mínimo, incompleta uma apreciação de signo ideológico que não trouxesse, em seu bojo, um tratamento pontual sobre o conceito de ideologia e polifonia. É desta forma imbricada que caminha a arquitetura conceitual bakhtiniana.

Para efeitos de objetividade, porém, concentraremos nossos esforços na discussão dos conceitos de enunciado concreto e dialogismo. O primeiro será mencionado apenas para um maior esclarecimento do segundo, pois, nesse artigo, o dialogismo será o conceito-chave e também a categoria analítica por meio da qual vislumbraremos o discurso do movimento RENAS.

Mas, por que falar de enunciado concreto primeiro? Conforme o Círculo de Bakhtin, a interação verbal é “a realidade fundamental da língua” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 127). Essa interação se dá de maneira viva, através, não de sentenças sem autor, nem sem um posicionamento, mas de enunciados concretos proferidos por sujeitos sócio-historicamente situados, sobretudo, através do diálogo, este tomado num sentido restrito de comunicação face a face e também num sentido amplo, como representação da responsividade consciente ou inconsciente que existe em cada discurso.

Sobre essa questão, assim assevera Bakhtin:

Neste caso, o ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc.; essa posição responsiva do ouvinte se forma ao longo de todo o processo de audição e compreensão desde o seu início, às vezes literalmente a partir da primeira palavra do falante. Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso); toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante (BAKHTIN, 2011, p. 271).

Dessa maneira, o conceito de enunciado concreto lança-nos diretamente no dialogismo bakhtiniano, pois, “como unidade real da comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2011, p. 269), o enunciado pressupõe a existência de um falante e de um ouvinte, ainda que estes se encontrem

circunstancialmente distantes. Por ser “preche de resposta”, inevitavelmente o enunciado encontrará a posição responsiva de um ouvinte, mesmo que de forma silenciosa. Como pontua Bakhtin (2011, p. 272), “cedo ou tarde, o que foi ouvido e ativamente entendido responde nos discursos subsequentes ou no comportamento do ouvinte”.

O enunciado concreto pressupõe a existência, não apenas de um discurso verbal em si, mas de uma situação extraverbal, que torna uma determinada palavra ou a sentença plena de significação. Voloshinov/Bakhtin (1993 [1926], p. 7) falam de um “contexto extraverbal” do enunciado, que concebe a existência de um “horizonte espacial comum dos interlocutores”, a saber, aquilo que vêm conjuntamente; de um “conhecimento” e uma “compreensão comum da situação por parte dos interlocutores”; e, tão importante quanto as duas esferas anteriores, a existência de uma “avaliação comum dessa situação” vivenciada pelos interlocutores. Esses fatores sintetizam o que Voloshinov/Bakhtin (1993 [1926], p. 7) chamam de “presumido”, o conjunto de informações e dados não articulados verbalmente na interação, mas que promovem determinado elemento verbal ao patamar de enunciado.

Outra faceta do enunciado concreto, alinhada com o que vimos discorrendo, refere-se à característica do enunciado concreto de unir “participantes da situação comum como coparticipantes que conhecem, entendem e avaliam a situação de maneira igual” (1993 [1926], p. 8), gerando o contexto ideal para o diálogo.

Desta forma, enunciado concreto e dialogismo se correspondem dentro da noção mais abrangente de interação verbal. Essa interação sempre se dá por meio de enunciados vivos entre sujeitos, falantes e ouvintes, atravessada por um diálogo ininterrupto, haja vista nenhum falante possuir a propriedade de ter sido “o primeiro a ter violado o eterno silêncio do universo” (BAKHTIN, 2011, p. 272). Isto é, o nosso discurso – verbal ou verbo-visual – sempre retoma enunciados anteriores ao nosso, de nossa lavra ou não, com os quais trava relações de concordância, de discordância, de pressuposição e outras formas, pois “cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados” (BAKHTIN, 2011, p. 272). Chegamos, assim, ao conceito de dialogismo no pensamento bakhtiniano.

De forma mais exata, podemos pensar o dialogismo como a faculdade que tem o enunciado concreto de ter como limite “a alternância dos sujeitos do discurso” (BAKHTIN, 2011, p. 275), de modo que, qualquer forma de enunciado possui início e fim absoluto, apesar de o diálogo entre enunciados nunca cessar, pois “antes do seu início, os enunciados dos outros; depois do seu término, os enunciados responsivos de outros” (BAKHTIN, 2011, p. 275). Tais “enunciados responsivos” também podem se manifestar através da “compreensão responsiva silenciosa do outro” ou até da “ação responsiva baseada nessa compreensão” (BAKHTIN, 2011, p. 275).

É válido acrescentar a este respeito que, em termos bakhtinianos, não é apenas o enunciado eterno tributário do diálogo, o é também a própria vida. Para o filósofo russo, há uma estreita relação entre o diálogo e a vida. Através das relações dialógicas, não apenas provocamos reações, respostas, posicionamentos, também nos revelam ao outro, tornam-nos, pela primeira vez, o que somos, para o outro e para nós mesmos. Assim, em Bakhtin, o ser depende da comunicação que se dá pelo diálogo, pois, “quando termina o diálogo, tudo termina” (BAKHTIN, 2015, p. 293). Pensar bakhtinianamente o diálogo é cogitar a linguagem “no plano da alteridade, na interação com o outro, na tensão com o outro” (GONÇALVES; VIEIRA; SOUZA, 2015, p. 210).

Nesse artigo, todavia, não é nossa intenção primeira esquadrinhar o dialogismo, mas analisar as relações dialógicas mantidas no texto de justificativa da RENAS, presente na carta de princípios do movimento, pois essas relações situam-se no discurso¹² – que por natureza é dialógico –, carregam vozes sociais, tornam-se enunciados, pessoalizam-se na linguagem, materializam-se em discursos como posicionamentos de diferentes falantes, estabelecendo entre essas posições relações dialógicas (BAKHTIN, 2015, p. 209). Interessa-nos, pois, verificar no corpus indicado esse fenômeno.

Analisar dialogicamente um discurso é adentrá-lo pelo ângulo dialógico, isto é, mantendo acesa a noção de que todo discurso está em diálogo com outros discursos, estabelecendo relações dialógicas com outros dizeres. O ângulo dialógico de um discurso não pode ser delimitado ou estabelecido tomando por base critérios tão somente linguísticos, “porque as relações dialógicas,

¹² “A língua em sua integridade concreta e viva, e não a língua como objeto específico da linguística”, como nos diz Bakhtin (2015).

embora pertençam ao campo do discurso, não pertencem a um campo puramente linguístico do seu estudo” (BAKHTIN, 2015, p. 208). Eis a razão de tais relações estarem mais para uma metalinguística¹³ do que para a linguística tradicional, tamanha a irredutibilidade dessas relações aos aspectos lógicos e formais da língua. As relações dialógicas deslizam para o campo do extralinguístico e para a esfera da comunicação dialógica, tornando determinado material linguístico em enunciado concreto.

Metodologicamente, justifica-se o primado do enunciado nas análises de discurso, porque o discurso é “a língua em sua integridade concreta e viva, e não a língua como objeto específico da linguística [...]” (BAKHTIN, 2015, p. 207), ou seja, é a língua manifesta em interações reais, expressa por intermédio de enunciados concretos. É para essa instância viva e dinâmica, possuidora de autor, repleto de posicionamentos ideológicos, que deve olhar o analista.

Relações dialógicas no discurso de justificativa da RENAS

A análise de enunciados promove aos olhos do analista a rica possibilidade de desvelar, através da observação de organizações sintáticas e de campos semânticos mobilizados, a heterogeneidade constitutiva dos discursos, as vozes e os sujeitos inscritos nos enunciados. Especialmente para analistas dialógicos do discurso, esmiuçar marcas linguísticas articuladas no enunciado é procedimento imprescindível para se possa discernir as relações dialógicas instaladas no discurso, uma maneira de recuperar o(s) “outro(s)” diante de quem se posiciona valorativamente.

Essa é basicamente a curiosidade fundadora do presente artigo: expor ressonâncias dialógicas, vozes, discursos com os quais a rede RENAS estabelece uma relação de clara responsividade, manifestando, dessa forma, posições de diferentes sujeitos expressas no discurso sob análise.

¹³ Disciplina desenvolvida por Mikhail Bakhtin na obra *Problemas da Poética de Dostoievski*, também conhecida como “Translinguística”, cujo objeto de estudo é o “discurso bivocal” – o discurso voltado para o outro.

No site oficial do movimento¹⁴, há links e seções nos quais constam informações variadas: identidade, projetos desenvolvidos, agenda, notícias, ferramentas de capacitação, artigos e informações para contato. Para as pretensões desse artigo, a carta de princípios, na qual se encontram a identidade, o propósito, a missão, a visão, as justificativas, o histórico, a estrutura, os objetivos e outros informes essenciais do movimento, foi a parte escolhida para composição do nosso corpus. Por se tratar, porém, de um artigo acadêmico, os dados para análise tiveram que ser forçosamente ainda mais reduzidos. Logo, selecionamos as justificativas da seção para procedermos à análise, esforçando-nos para esboçar as ressonâncias dialógicas do enunciado e, por consequência, do próprio movimento.

No discurso das justificativas, encontra-se a base esclarecedora do movimento. Em poucas linhas impregnadas de vestígios reveladores dos elos dialógicos do movimento, a RENAS expõe três razões que pautam fundamentalmente sua existência e caminhada: a bíblica, a contextual e a política¹⁵

A justificativa bíblica ancora-se em passagens das escrituras em cujos textos estão mencionadas palavras como “justiça”, “Reino de Deus” e “sociedade”. Como um movimento de berço cristão- evangélico, observa-se a intenção da rede de, prioritariamente, respaldar biblicamente seus esforços e existência, mostrando ser bíblica a preocupação com a justiça, a saúde pública, a saúde individual, o saneamento básico, a desigualdade social, a violência, os direitos trabalhistas, a fome, a habitação e outros assuntos ligados ao aspecto social.

A justificativa contextual externa a realidade social brasileira como impregnada de desigualdades, injustiças, privações de direitos sociais, desprezo aos direitos humanos e pobreza extrema, exigindo, segundo o movimento, iniciativas por parte das igrejas evangélicas no intuito de desenvolverem uma ação social mais efetiva. Também a ausência de uma atuação mais articulada das igrejas evangélicas no setor social é outra proposição central dessa justificativa.

A justificativa política está relacionada ao entendimento da urgente necessidade de participação política dos cristãos evangélicos por meio da qual possam atuar democraticamente nas

¹⁴Endereço eletrônico: <renas.org.br>

¹⁵ Conteúdo presente na carta de princípios e adicionado no “anexo” deste artigo.

frentes que contemplam pautas sociais e lutar pela justiça, trabalho que deve ser feito de forma apartidária, a saber, sem se vincular a partidos e grupos políticos específicos. A ideia da rede RENAS é operar respeitando a diversidade existente entre os evangélicos, buscando, no entanto, unir forças para cumprirem o mandado bíblico de serem “sal da terra” e “luz do mundo”¹⁶.

Para entendermos os posicionamentos valorativos e vislumbrarmos os fios ideológicos que permeiam um discurso, é necessário retomar o(s) outro(s) com o(s) qual(is) tal discurso dialoga. As três razões expostas na justificativa da rede RENAS fornecem-nos uma pista. As justificativas são uma síntese dos interlocutores diante dos quais a rede RENAS se posiciona ideologicamente e axiologicamente.

Apesar de serem três as justificativas, não temos, necessariamente, três interlocutores estritamente demarcados. Pelas escolhas lexicais (juízo, irmãos, justiça, Deus, Bíblia, Reino de Deus, saúde, direitos trabalhistas, refugiados, violência, meio ambiente, paz, política, trabalho, fome, habitação, mordomia, crueldade, macro e microeconomia, família, equidade, pobreza, missão da igreja, injustiça, violações de direitos humanos, Jesus Cristo, fé, caminhada, democracia, grupo político, evangélico, povo de Deus, glória de Deus, “sal” e “luz”) e pela forma como esses signos estão articulados nesse enunciado concreto, constata-se, genericamente, ao menos duas vozes com as quais a rede interage: a voz bíblica-cristã e a voz dos movimentos sociais.

Como “realidade fundamental da língua” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 127), a interação verbal coloca sujeitos e enunciados em relações dialógicas. Esses sujeitos encontram-se discursivamente. Ao deparar-se com o enunciado de outro falante, compreendendo-o e interpretando-o, o sujeito oferta ao interlocutor “sua contrapalavra dialógica carregada pela ideologia que permeia o seu discurso” (VASCONCELOS, 2013, p. 59). Dessa maneira, o enunciado do movimento RENAS é uma “contrapalavra”, “uma ativa posição responsiva em relação ao que ouve” (BAKHTIN, 2011, p. 271) tanto do discurso bíblico-cristão como do discurso dos movimentos sociais.

¹⁶ “Vocês são o sal da terra. Mas se o sal perder o seu sabor, como restaurá-lo? Não servirá para nada, exceto para ser jogado fora e pisado pelos homens. Vocês são a luz do mundo. Não se pode esconder uma cidade construída sobre um monte” (Mateus 5.13,14 – Nova Versão Internacional)

Tomemos, inicialmente, a justificativa bíblica, que traça de modo mais explícito um dos interlocutores com quem estabelece relações dialógicas. O fato de ser a primeira das justificativas aponta-nos a intenção do movimento de dar claramente o protagonismo ao enunciado bíblico em relação a quaisquer outros em suas justificativas.

O texto toma duas citações bíblicas: “O Rei, respondendo, lhes dirá: Em verdade vos afirmo que, sempre que fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes” e “Antes, corra o juízo como as águas; e a justiça como ribeiro perene”(Mateus 25.40 e Amós 5.24)¹⁷, mas os ressignifica, transformando-os em mote e justificativa para um envolvimento social concreto por parte dos cristãos evangélicos, pois “cada enunciado deve ser visto antes de tudo como uma resposta aos enunciados precedentes de um determinado campo” (BAKHTIN, 2011, p. 297), de modo que todo enunciado se refere a outro valorativamente, isto é, rejeitando-o, confirmando-o, completando-o, tomando-o como base ou até subvertendo-o. Em relação ao seu interlocutor, todo falante (enunciado concreto) sempre assumirá uma posição.

Na justificativa bíblica, palavras como “juízo”, “justiça”, “direitos trabalhistas” e a afirmação de que Deus está preocupado “com a desigualdade e a injustiça social” externam, além da voz bíblica-cristã, outro interlocutor: a teologia da missão integral (TMI). Para a TMI, dentro da prática cristã, evangelização e responsabilidade social até podem ser desligadas teoricamente, “mas não devem ser separadas na prática, já que a palavra e a ação são inseparáveis na vida cristã e igualmente essenciais no testemunho cristão”, como afirma Padilla (2014, p. 34). Sendo assim, lutar contra a desigualdade social, contra a injustiça social, empreender diligências em favor da justiça, dos direitos humanos, dos pobres, passa a fazer parte da agenda cristã, algo com o qual o RENAS abertamente concorda.

A presença da TMI como interlocutora do movimento e com a qual a rede estabelece relações dialógicas é assumida textualmente:

Vem aumentando a compreensão holística e bíblica sobre a missão da igreja, como reflexo e testemunho obediente do caráter de Deus. No Brasil e outros países, “Missão Integral” é um termo conhecido que expressa mais claramente esta compreensão e que conseguiu nas últimas décadas envolver movimentos, igrejas,

¹⁷Versão do texto bíblico não informada no site.

organizações e redes. Em nível internacional, é possível encontrar no Movimento Lausanne esforço parecido. Há ainda outras iniciativas que agregam a igreja em torno de sua responsabilidade coerente e integral, como a Rede Miquéias.

A bivocalidade de palavras como “justiça” e “juízo”, por exemplo, clarifica-se diante de nós ao constatarmos vozes dissonantes, entonações apreciativas específicas, vozes em discussão e a luta ideológica carreadas por essas palavras. Isso ocorre quando o diálogo penetra no cerne de cada palavra transformando-a em enunciado vivo, dentro do qual sempre haverá embates ideológicos (BAKHTIN, 2015).

As outras justificativas expõem o mesmo fenômeno: enunciados repletos de vozes em relações dialógicas. Tanto na justificativa contextual quanto na justificativa política as relações dialógicas se estabelecem com a grande voz dos movimentos sociais e suas propostas advindas de diagnósticos criteriosos da realidade social como um todo. Na preocupação social da RENAS, é possível recuperarmos essa relação em enunciados como: “fica cada vez mais evidente que as igrejas e as organizações sociais de iniciativa evangélica se constituem em uma relevante força nacional” (excerto da justificativa contextual).

Ao fazer uso de signos como “força” e “relevância” associados a “organizações sociais de iniciativa evangélica” o discurso reveste as organizações evangélicas de uma responsabilidade e um poder evocado por vozes difusas internas e externas ao próprio movimento.

A relação também se evidencia logo no início da justificativa contextual com a afirmação de que “o Brasil é um país muito desigual”, e de que “ainda persistem milhares de famílias empobrecidas, e pessoas que sofrem injustiças e privações de seus direitos sociais [...]”, distorções originadas da violação de direitos humanos e de inúmeras injustiças de ordem sistêmica, segundo o movimento. Esse discurso mantém relações dialógicas com a consagrada luta dos movimentos sociais contra as propaladas contradições do sistema capitalista, contradições que, além de desigualdade, pobreza e privações impostas à classe trabalhadora, estabelece uma “zona conflitante entre interesses das classes trabalhadoras e da classe capitalista, resultando na submissão das primeiras em relação à classe dominante, que detém os meios de produção” (CARVALHO; SEGUNDO; MENDES, 2016, p. 6). Nesse texto da RENAS, vê-se um eco da “palavra antecipável

do outro” (BAKHTIN, 2015, p. 263) para a qual se volta em diálogo, a saber, a voz dos movimentos sociais – tomada genericamente –, cuja agenda principal é a transformação radical do sistema, com desembocadura nos aspectos políticos e econômicos, fator indispensável para a reconstrução social.

Bakhtin, analisando o *Homem do subsolo*, obra de Dostoiévski, vislumbra uma característica importante no discurso presente nessa obra, mas que certamente se aplica aos discursos de maneira geral. Para o filósofo russo, nessa obra dostoiievskiana, o discurso é “um discurso apelo” (BAKHTIN, 2015, p. 274), de modo que “falar significa apelar para alguém” ((BAKHTIN, 2015, p. 274). A justificativa contextual do RENAS ao propor resistência às desigualdades, à miséria, ao descumprimento dos direitos humanos, à injustiça social, através de uma ação articulada entre organizações sociais e igrejas evangélicas, apela para a ênfase da TMI na conciliação entre o verticalismo e o horizontalismo “como duas realidades igualmente importantes da missão” cristã (GONDIM, 2010, p. 126).

A justificativa política do movimento, ao propor uma ação política apartidária parece apelar, no sentido bakhtiniano do termo, ao discurso evangélico brasileiro, popular e hegemônico, marcado historicamente por um claro desconforto quanto aos assuntos políticos, considerados pela maioria evangélica “mundanos”, “seculares”, lugar de “ímpios” e antagonista da tarefa de propagação do evangelho (CAVALCANTE, 2002). Além disso, reflete a prioridade concedida pela TMI à construção de uma reflexão teológica contextual, inclinada a atender as demandas e problemas do povo latino-americano, através de uma evangelização contextualizada que tenciona anunciar a mensagem bíblica a cada latino-americano, promovendo de também o bem-estar do povo. A justificativa política do movimento é uma retomada dialógica do holismo da TMI, identificado nas palavras de Padilla (2014, p. 34):

Em outros termos, se anuncia e se vive a mensagem do reino de Deus; se dá a boa notícia sobre Jesus Cristo e são mostrados os efeitos concretos de sua vida e ministério. Algo vai mal quando se serve ao próximo sem dar a ele a razão da esperança que temos em Cristo e que nos leva à ação; algo vai mal, igualmente, quando se compartilha a fé verbalmente, mas esta fé não opera pelo amor. Com efeito, há base para que, com John Wesley, duvidemos da autenticidade da vida cristã que não começa com a conversão, e da conversão que não culmina no compromisso social. A evangelização e a responsabilidade social podem e provavelmente devem ser distinguidas teoricamente, mas não devem ser

separadas na prática, já que a palavra e a ação são inseparáveis na vida cristã e igualmente essenciais no testemunho cristão.

Portanto, movimentos como a RENAS, articulados em redes e organizações coletivas, formados por indivíduos conscientes do seu papel político e de sua capacidade de mudar o *status quo*, movidos por necessidades como também pelo ato de refletir sobre a realidade, que lutam por uma sociedade mais igualitária, pela democracia, contra a exclusão e o preconceito, “por novas culturas de inclusão”, como diz Gohn (2011, p. 336), tem como interlocutor os movimentos sociais historicamente constituídos, o enunciado bíblico, como também a discurso cristão encarnado pela TMI, que se constitui no outro imenso interlocutor do movimento RENAS com quem dialoga na construção da sua própria enunciação.

Conclusão

Ao analisarmos as relações dialógicas entre enunciados (BAKHTIN, 2015), presentes no discurso das justificativas da rede RENAS em sua carta de princípios, buscamos perceber as vozes e os interlocutores com as quais o discurso e a própria rede interagem dialogicamente. Para isso, partimos de uma compreensão de que a interação verbal é, conforme os escritos do Círculo de Bakhtin, um movimento vivo e permanente através do qual a comunicação entre sujeitos sócio-históricos se dá de forma responsiva.

Em nossa análise, percebemos que as principais vozes com as quais as justificativas da RENAS dialoga são o discurso bíblico-cristão, o discurso cristão encarnado pela TMI e a grande voz dos movimentos sociais. Sendo, portanto esses os interlocutores do movimento RENAS na construção de sua enunciação.

Percebemos ainda que a voz bíblico-cristã assume um protagonismo nas justificativas por ser a voz que tem mais respaldo no meio religioso. Essa voz recupera uma leitura ideológica das escrituras defendida pela TMI, que figura no texto também como um interlocutor com o qual a RENAS concorda e dialoga. Essa voz chama à responsabilidade. Já a voz dos movimentos sociais

aparece na assimilação dos conceitos e na descrição da realidade e das lutas sociais. Ela é a voz que chama à participação.

Nas justificativas da rede RENAS, como mostramos na análise, os enunciados apelam para as vozes bíblico-cristã, da TMI e dos movimentos sociais, não apenas fazendo refletir esses dizeres, mas posicionando-se diante deles, o que nos faz perceber que, mesmo estando o discurso do movimento voltado para o discurso do outro, é exatamente nessa reciprocidade dialógica que sua voz se constitui, fazendo com que a palavra viva do movimento aflore, ainda que combinada ou mesmo completamente fundida a outros dizeres, por meio dos quais reforça suas próprias palavras.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.
- BAKHTIN, Mikhail; VOLOSHÍNOV. *Marxismo de Filosofia da Linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 13ª. Ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2009.
- BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Editora Contexto, 2013.
- Bíblia Sagrada. *Nova Versão Internacional*. São Paulo: Editora Vida, 2000.
- CARVALHO, S. M. G.; MENDES, J. E.; SEGUNDO, M. D. M. Os movimentos sociais e processos educativos no contexto da crise estrutural do capital. In: CARVALHÊDO, Josania L. P.; CARVALHO, Maria C.; ARAUJO, Francisco A. M. (org.s). *Produção de Conhecimentos na Pós-Graduação em Educação no Nordeste do Brasil: realidades e possibilidades*. Teresina, Ed. UFPI, 2016.
- CAVALCANTE, Robinson. *Cristianismo e política*. São Paulo: Editora Ultimato, 2002.
- FERREIRA, Bruno. *Movimentos sociais: suas transformações e suas várias lutas*. [publicado em 10 de outubro de 2011]. Disponível em: <<http://historiabruno.blogspot.com.br/2011/10/movimentos-sociais.html>> Acessado em: 28 de março de 2018.
- GOHN, Maria da Glória. *Movimentos sociais na contemporaneidade*. Rio de Janeiro: Revista Brasileira de Educação. v. 16 n. 47, 2011
- GONÇALVES, J. B. C; VIEIRA, R. O.; SOUZA, E. L. L. Dialogismo generalizado e dialogismo revelado: o discurso citado como forma concreta de funcionamento dialógico do discurso. *Revista Humanidades*, Fortaleza, v. 30, n. 2, p. 208-226, jul/dez. 2015.
- GONDIM, Ricardo. *Missão Integral: em busca de uma identidade evangélica*. São Paulo: Fonte Editorial, 2010

- HOUTART, François. *Os movimentos sociais e a construção de um novo sujeito histórico. En publicacion: A teoria marxista hoje. Problemas e perspectivas*. Boron, Atilio A.; Amadeo, Javier; Gonzalez, Sabrina (org), 2007. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/campus/marxispt/cap.20.doc>>
- MOLON, N. D.; VIANNA, R. O Círculo de Bakhtin e a Linguística Aplicada. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 142-165, Jul/Dez. 2012. Disponível em <<https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/index>>. Acesso em: 28 jun. 2017.
- PADILLA, René. *Missão Integral: o reino de Deus e a igreja*. Viçosa-MG: Editora Ultimato, 2014.
- RENAS (Rede Evangélica Nacional de Ação Social). *Carta de Princípios*. Campinas. 2016. Disponível em: <http://renas.org.br/files/2011/08/Carta_Principios_2016_rev_07_03_16-rev3.pdf>
- SANCHES, Sidney de Moraes. A teologia da missão integral como teologia evangélica contextual latino-americana. *Revista Caminhando*, v. 15, n. 1, jan/jun 2010, p. 65-85.
- STOTT, John. *Pacto de Lausanne – Comentado por John Stott*. São Paulo: ABU Editora, 2003.
- VASCONCELOS, Gregório Pereira de. Signo ideológico, subjetividade e discurso de outrem: um estudo sobre a teoria enunciativa de Bakhtin e o Círculo. *Macabéia – Revista Eletrônica do Netlli*, v. 2, n. 1, Jun 2013, p. 50 – 66. Disponível em <<http://periodicos.urca.br/ojs/index.php/MacREN/article/viewFile/505/480>>
- VOLOSHINOV, V. N.; BAKHTIN, M. M. *Discurso na vida e discurso na arte: sobre poética sociológica*. Tradução, para uso didático, de C.A. Faraco e C. Tezza. 1993 [1926].

Artigo recebido em agosto de 2019.
Artigo aceito em outubro de 2019.

ANEXO

REDE EVANGÉLICA NACIONAL DE ASSISTÊNCIA SOCIAL - RENAS

Carta de Princípios

Identidade

Somos uma ampla rede de relacionamentos entre organizações e igrejas evangélicas que atuam na área social, no Brasil.

Propósito

Proporcionar espaços de encorajamento, capacitação, articulação, mobilização, troca de experiências, informações, recursos e tecnologia social.

Missão

Ser expressão dos valores do Reino de Deus e da missão de Jesus na sociedade brasileira, fomentando os valores de justiça, respeito, equidade, bondade e misericórdia por meio da ação social e na defesa dos direitos humanos.

Visão

Organizações e igrejas evangélicas articuladas, mobilizadas, fortalecidas e qualificadas em suas ações sociais em todo território nacional.

Justificativas

a) Bíblica

“O Rei, respondendo, lhes dirá: Em verdade vos afirmo que, sempre que fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes”. (Mateus 25.40)

“Antes, corra o juízo como as águas; e a justiça, como ribeiro perene”. (Amós 5.24)

Deus se preocupa com a desigualdade e a injustiça social. Ele é um Deus justo e compassivo. A Bíblia demonstra isto, de forma contundente, citando inúmeras vezes a vontade de Deus sobre assuntos como: justiça, higiene e saneamento, saúde individual e pública, tortura, direitos trabalhistas, refugiados, alimentação, violência, agricultura, meio ambiente, prisões, infância, velhice, paz, guerra, ensino, política, *advocacy*, trabalho, fome, guerra, vulnerabilidade, escravos, pragas, sexualidade, habitação, acesso à água, vida urbana e rural, mordomia, crueldade, macro e microeconomia, orfandade, família, equidade, pobreza, riqueza, entre outros.

O Reino de Deus é o principal modelo para a nossa sociedade. Um reino de “paz, alegria e justiça” (Rm 14.17), onde o Rei é louvado plenamente e toda a criatura encontra sentido nele e em suas obras.

Vem aumentando a compreensão holística e bíblica sobre a missão da igreja, como reflexo e testemunho obediente do caráter de Deus. No Brasil e outros países, “Missão Integral” é um termo conhecido que expressa mais claramente esta compreensão e que conseguiu nas últimas décadas envolver movimentos, igrejas, organizações e redes. Em nível internacional, é possível encontrar no Movimento Lausanne esforço parecido. Há ainda outras iniciativas que agregam a igreja em torno de sua responsabilidade coerente e integral, como a Rede Miquéias.

b) Contextual

O Brasil é um país muito desigual, e ainda persistem milhares de famílias empobrecidas, e muitas pessoas que sofrem injustiças e privações de seus direitos sociais, violações de direitos humanos além de outras injustiças sociais sistêmicas e ambientais.

Fica cada vez mais evidente que as igrejas e as organizações sociais de iniciativa evangélica se constituem em uma relevante força nacional. Isso, porém, por muito tempo, se deu de forma desarticulada, com esforços dispersos, sem muita visibilidade e representatividade nos espaços públicos e com baixa influência nas políticas de governança. Era necessário que houvesse articulação, troca de informações e recursos, qualificação e formação técnica, inovação, gestão profissional, transparência e ética, visibilidade, abrangência nacional e territorial, representatividade, incidência em políticas públicas, monitoramento e avaliação, diagnóstico, participação e controle social, entre outros.

Faltava a construção de uma ampla rede de relacionamentos entre organizações e igrejas evangélicas que atuam na área social, no sentido de proporcionar formação, encorajamento, capacitação, articulação; para transformação no âmbito da participação e controle social e nas frentes da ação social. Como consequência, havia um significativo desconhecimento das ações

sociais desenvolvidas pelos evangélicos no Brasil, bem como da relevância desse trabalho para a sociedade.

Faltava também um espaço evangélico para trocas de experiências que propiciem o acesso das organizações evangélicas de ação social aos diversos recursos existentes.

Foi neste contexto que surgiu a RENAS – Rede Evangélica Nacional de Ação Social.

c) Política

A caminhada da RENAS se pauta na fé em Jesus Cristo e na participação em seu Reino, assumindo um papel de protagonista na articulação de organizações que, por meio da participação social legitimada pela democracia, levantam a bandeira da justiça -- não de um partido ou grupo político.

A atuação da RENAS - seja em dimensões locais quanto regionais e nacionais - se dá em meio à diversidade de opiniões do povo evangélico no país e em meio a possíveis conflitos que o contexto desta diversidade possa gerar. No entanto, a RENAS crê que somos chamados para caminhar juntos, como povo de Deus, sendo “sal” e “luz”, para a glória de Deus.